

## **PERFORMANDO RITUAIS: INTERCULTURALIDADE E BILINGUISMO NA OUTORGA DE GRAU DA TURMA DE PEDAGOGIA INTERCULTURAL INDÍGENA DA UEA**

---

**Adria Simone Duarte de Souza** - Professora doutora da Universidade do Estado do Amazonas, coordenadora pedagógica do curso de Pedagogia Intercultural Indígena. Participante do grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Indígena e Etnografia, e-mail: [asduarte@uea.edu.br](mailto:asduarte@uea.edu.br)

**Celia Aparecida Bettiol** - Professora doutora da Universidade do Estado do Amazonas, coordenadora do curso de Pedagogia Intercultural Indígena, Docente do Programa de Pós-graduação em Educação PPGED/UEA. Participante do grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Indígena e Etnografia, e-mail: [@uea.edu.br](mailto:@uea.edu.br)

**Sanderson Castro Soares de Oliveira** - Professor doutor do curso Formação de Professores Indígenas e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas. Participante do Grupo de Pesquisa Línguas e Culturas Amazônicas. Linguista do curso de Pedagogia Intercultural Indígena, e-mail: [sanderson@ufam.edu.br](mailto:sanderson@ufam.edu.br)

---

### **RESUMO**

O presente texto configura-se como um relato de experiência, cujo objeto de análise é o ritual de outorga de grau da turma de Pedagogia Intercultural Indígena, do Vale do Javari, realizado em Atalaia do Norte, Amazonas. O curso se caracteriza como específico e atendeu aos povos Marubo, Matsés, Kanamary e Matis, além de um não indígena. No texto, destacamos pontos que compuseram este ritual mesclando elementos das culturas indígenas e da não indígena, numa reorganização do cerimonial tradicional. Ressaltamos ainda as falas de alguns dos formandos, agora já pedagogos, evidenciando a presença dos familiares, dos professores, o uso das línguas indígenas e a repercussão de suas conquistas nas mídias, por meio das fotografias. O relato objetiva refletir as relações interculturais que se estabelecem neste ritual e, por fim, retoma o discurso do paraninfo esperando tempos melhores para os povos do Javari.

**Palavras-chaves:** Ritual de formatura; Povos Indígenas; Vale do Javari; Interculturalidade; Educação Escolar Indígena.

---

### **ABSTRACT**

This text is configured as an experience report, whose object of analysis is the ritual of granting the degree of the Indigenous Intercultural Pedagogy class, from Vale do Javari,

carried out in Atalaia do Norte, Amazonas. The course is characterized as specific and attended to the Marubo, Matsés, Kanamary and Matis peoples, in addition to a non-indigenous one. In the text we highlight points that made up this ritual, mixing elements of indigenous and non-indigenous cultures, in a reorganization of the traditional ceremonial. We also highlight the speeches of some of the teachers, now already pedagogues, highlighting the presence of family members, teachers, the use of indigenous languages and the repercussion of their achievements in the media, through photographs. The report aims to reflect the intercultural relations that are established in this ritual and, finally, resumes the paraninfo's speech hoping for better times for the people of Javari.

**Keywords:** Graduation Ritual; Indian people; Javari Valley; Interculturality; Indigenous School Education.

---

## O CONTEXTO DO CURSO E DA CERIMÔNIA DE COLAÇÃO DE GRAU

O curso Pedagogia Intercultural – ofertado pela Escola Normal Superior (ENS) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – é um curso pioneiro e com uma proposta curricular e pedagógica nova, focada no fortalecimento das línguas indígenas nos anos iniciais do Ensino Fundamental (BETTIOL, SOUZA; OLIVEIRA, 2020). A primeira turma da licenciatura em Pedagogia Intercultural formou-se em 2019 (sobre esta turma ver BETTIOL, 2017). Essa primeira experiência gerou elementos para a formulação do Projeto Pedagógico do Curso ofertado em Atalaia do Norte<sup>3</sup> para as etnias Kanamary, Marubo, Matis e Matsés (Mayoruna), cuja turma formou-se em 16 de dezembro de 2022. O discurso evidenciado durante o desenvolvimento do curso e, especialmente, a apresentação da formatura da turma anterior para os discentes levaram à decisão por um ritual de colação de grau culturalmente sensível, com inserção de elementos das culturas indígenas presentes no curso.

As notícias sobre a finalização do curso e outorga de grau ganharam grande repercussão nas agências de notícias e redes virtuais. No período de 13 a 20 de dezembro de 2022 tomamos conhecimento de 13 canais de divulgação sobre o fato, entre eles destacamos o site da própria Universidade do Estado do Amazonas, *A Crítica*, *Amazônia Real*, *CAPES* e

---

<sup>3</sup> Para mais informações sobre a turma de Pedagogia Intercultural em Atalaia do Norte, recomendamos a leitura de Souza (2023).

a ANPED. A cobertura da mídia dá uma ideia do impacto que o evento teve no cenário da educação do Amazonas, especialmente na educação escolar indígena. Nesse contexto, cabe considerar ainda que cerimônias de colação de grau costumam ser eventos corriqueiros e, geralmente, não ganham mais do que cobertura das próprias Instituições de Ensino que as promovem.

No presente texto, apresentamos um relato sobre os processos no “ritual de outorga de grau” da referida turma, destacando aspectos de interculturalidade e de bilinguismo que foram inseridos como elementos de diferenciação e de inclusão de outras vivências. Entre os elementos que serão destacados no presente trabalho estão o uso do cocar indígena e sua troca pelo capelo, a entrada acompanhada de cantores indígenas de cada etnia, o juramento realizado em língua indígena e em língua portuguesa, o discurso multilíngue do paraninfo, o uso de um *Kene*<sup>4</sup> Marubo e um colar Kanamary, colocado na cabeça pela vice-reitora no momento da outorga.

## **PREPARANDO O RITUAL**

Decidido o formato diferenciado da outorga de grau, foram feitas várias tratativas com o Cerimonial da UEA para que houvesse preparativos para a cerimônia, com a participação de discentes e docentes. Partimos de Manaus no dia 11 de dezembro de 2022 e chegamos à Atalaia do Norte no dia 12 de dezembro de 2022. No mesmo dia, uma segunda-feira, começamos as reuniões com os alunos para podermos organizar a cerimônia. Durante os dias em que estávamos realizando os preparativos, ocorreu também a avaliação do curso pelo Conselho Estadual de Educação do Amazonas (CEE/AM). Nesses dias, havia diferentes momentos de interlocução que podem ser distinguidos da seguinte forma: a) interlocução cerimonial-discentes, b) interlocução discentes-docentes, c) interlocução cerimonial-docentes e c) interlocução cerimonial-discentes-docentes (Figura 1).

---

<sup>4</sup> *Kene* é o nome do grafismo Marubo.

**Figura 1:** Docentes e discentes reunidos para o ensaio da cerimônia de colação de grau



**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores, 2023.

Nesses momentos era bastante enfatizado aos discentes que o que ocorreria seria um ritual, numa tentativa de aproximar a cerimônia de colação de grau aos rituais indígenas que lhes são familiares. De fato, há um paralelismo entre os dois eventos, pois em ambos há: um ato performativo (BUTLER, 2018); um sequenciamento das ações, pois as ações devem se suceder de forma roteirizada tanto em um ritual indígena quanto no cerimonial de outorga de grau; e a ocorrência de “atos de fala” (AUSTIN, 1955), palavras ou frases específicas que devem ser ditas em determinados momentos e que têm força para realizar ações no mundo<sup>5</sup>.

Nesse ponto, há que se destacar a flexibilidade das cerimonialistas em garantir alterações no protocolo oficial da Universidade. Claro, como bem ilustra o caso de anulação de uma cerimônia de colação de grau pelo acréscimo de um “ou não” no juramento de uma

---

<sup>5</sup> Sobre os atos de fala e sobre a força ilocucionária de algumas falas da cerimônia de colação de grau, cabe lembrar uma turma da PUC-Rio em que a juramentista acrescentou a cada frase do seu juramento o “ou não”, o que foi repetido pelos formandos. Como a expressão modificava o sentido do juramento, considerou-se que a turma não havia cumprido o juramento e a cerimônia foi anulada. (<http://unifaj.edu.br/noticia/1581-piada-de-estudante-anula-formatura-de-turma-da-puc-rio>). É inegável, portanto, que há “atos de fala” carregados de força ilocucionária na realização de uma cerimônia de colação de grau. Cabe lembrar que um “ato de fala” é uma forma de agir no mundo com palavras e que ao dizer, por exemplo, “eu juro” são as palavras que concretizam o juramento.

turma da PUC-Rio, há limites para a flexibilização dos protocolos, no entanto, tentou-se garantir o máximo possível de diferenciação solicitada.

Foram realizados quatro ensaios com foco na entrada dos formandos, no juramento e na outorga de grau, quando eram explicados os detalhes considerados relevantes e tentava-se realizar as adaptações. Outro ponto importante foi a tradução do juramento para as quatro línguas e a adaptação do discurso do paraninfo, traduzindo um parágrafo do texto para cada uma das línguas representadas no curso. As cerimonialistas tiveram ainda o cuidado de treinar a pronúncia dos nomes indígenas em seu roteiro.

No dia 15 de dezembro de 2022, uma quinta-feira, foi realizada a aula da saudade, momento importante de confraternização entre discentes e docentes, acompanhado das avaliadoras do CEE/AM. Nesse momento, cada etnia apresentou uma memória em que destacavam momentos e personagens importantes para o curso. Como se tratava de uma aula da saudade, explicaram que em suas línguas havia uma palavra para expressar esse sentimento, diferentemente do que os não indígenas costumam pensar. Por fim, os Marubo guiaram a todos os presentes para dançarem e cantarem uma música que falava sobre a saudade. Os docentes também fizeram uma singela homenagem, cantando a música *wahana rarai*, que marcava naquele momento um sentimento muito forte dada a perda recente de Bruno e Dom<sup>6</sup>.

No dia 16 de dezembro de 2022, todos os discentes e todos os docentes se deslocaram até a Maloca do Estevão (Figura 2). No local, foram feitas fotos com os discentes trajando becas, mas em um espaço que lembra as suas comunidades de origem. De fato, é uma pequena comunidade Marubo a poucos quilômetros da cidade de Atalaia do Norte e que conta com um *Shovo*, maloca tradicional Marubo. Essas fotos fazem parte do álbum de formatura da turma.

---

<sup>6</sup> Bruno Pereira, indigenista, e Dom Philips, jornalista, que haviam sido assassinados em junho de 2022. São hoje reconhecidos como símbolo de ativismo indigenista e ambiental.

**Figura 2:** fotografia da turma com os docentes na Maloca do Estevão



**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores, 2023.

## **A CERIMÔNIA**

Apresentado o contexto do curso e explicados os preparativos do ritual da colação de grau, apresentamos uma narrativa do evento em primeira pessoa. O objetivo não é descrever toda a cerimônia, mas ressaltar os elementos que consideramos como interculturais e que trazem diferenciação a este acontecimento. A seleção foi baseada unicamente nos elementos que consideramos como diferenciadores da cerimônia de colação de grau em comparação com as de outros cursos.

Da mesa de outorga de grau, colocada no centro do ginásio, víamos os discentes do nosso lado esquerdo, com cocares e com becas. Do lado direito, à nossa frente, estavam os padrinhos de cada um dos formandos. À nossa esquerda havia uma mesa de autoridades, incluindo lideranças indígenas indicadas pelos discentes e à nossa direita havia uma mesa de docentes convidados. No fundo da quadra estavam as mesas com os familiares de cada um dos formandos. A cerimônia se inicia com pequeno atraso, muita expectativa, tudo tinha que ocorrer perfeitamente.

A Mestre de Cerimônia havia convocado as autoridades para compor as mesas, fez ainda a apresentação do curso e do Parfor. A expectativa é pela entrada dos discentes,



primeiro momento em que se busca privilegiar os elementos indígenas na cerimônia. O paraninfo é anunciado para guiar os Kanamary, ele se desloca até a porta do ginásio, encontra os discentes da primeira etnia a entrar. Um momento de tensão, havia que esperar que os cantores fossem à frente. Leve desencontro, os cantores se colocam à frente, entram primeiro, paraninfo e discentes Kanamary seguindo-os. O paraninfo chega ao local onde ficarão os formandos, os cantores chegam ao centro da cerimônia e, em frente à mesa de outorga, performam músicas tradicionais Kanamary. São ovacionados ao final. Segue-se com Matsés, Marubo, Matis e com o único não indígena da turma<sup>7</sup>. O primeiro momento foi exitoso, apesar de toda a tensão inicial.

Ocorre a fala da vice-reitora, dando início ao evento. Ela invoca “a proteção dos ancestrais”, dando o tom do que nos espera nesta noite. A tradicional invocação da proteção divina cristã é substituída para abranger as diferentes crenças presentes naquele momento e enfatizar as crenças indígenas.

O orador da turma, Alciney Rodrigues Dorlis, é convidado à tribuna e faz uma fala contundente. Não utiliza muitos símbolos indígenas, faz apenas algumas saudações em sua língua tradicional, mas ressalta o protagonismo indígena. Segundo ele “agora nós podemos conduzir as nossas escolas”. A cerimônia marca, portanto, o cumprimento de um princípio da Educação Escolar Indígena: “[...] A qualidade sociocultural da Educação Escolar Indígena necessita que sua proposta educativa seja conduzida por professores indígenas, como professores e gestores, pertencentes às suas respectivas comunidades” (CNE/CB 05, 2012, artigo 19).

O juramento ocorreu em diferentes línguas. Primeiramente, Oseias Gomes Farias da Silva Kanamary faz o juramento com os membros de sua etnia. Gonçalo Borges Carvalho faz o seu juramento em Matsés e é acompanhado pelos membros de sua etnia. Nilo Barbosa da Silva faz o juramento em Marubo, sendo acompanhado por seus colegas da mesma etnia. Makë Bush Matis era o único de sua etnia, mas é acompanhado pelos colegas da etnia Matsés, o que é explicado pelo Mestre de Cerimônia, eles “o fazem em solidariedade e reconhecimento da proximidade cultural e linguística que os une”. Por fim, Eudirei Melo dos

---

<sup>7</sup> O aluno não indígena optou por ler uma poesia de sua autoria em homenagem ao Javari.

Santos, único não indígena da turma, faz o juramento em língua portuguesa e é acompanhado por todos os formandos, o que é um ato obrigatório da formatura.

O texto do juramento também merece destaque, foi pensado especificamente para este curso e é adaptado para contemplar alguns dos objetivos da Educação Escolar Indígena, como pode se ler abaixo:

Prometo, no meu trabalho como professor(a) indígena, enfrentar os desafios que a educação escolar indígena me propõe, dentro e fora da escola com a comunidade e com as lideranças buscando novos caminhos e trabalhar por uma educação intercultural diferenciada, específica, comunitária e bilingue, participando profissionalmente da construção da valorização das culturas, das línguas e das lutas dos povos indígenas no Brasil.

Passam ao momento da outorga de grau, ou seja, o momento em que cada formando deve ir até à mesa de outorga (Figura 3) e a autoridade instituída diz ao primeiro formando a receber a outorga “Eu, Katia do Nascimento Couceiro, vice-reitora da Universidade do Estado do Amazonas e em nome do governo do estado, confiro a ti, Elania Dias Castelo Branco, o título de licenciada em Pedagogia Intercultural Indígena, para que possas gozar dos direitos e prerrogativas a ele inerentes”. Para todos os demais, ela apenas diz “a ti também”. Não há muito que se destacar, mas o braço que outorga o grau apresenta um *Kene marubo*, uma pequena reverência às culturas ali presente.

**Figura 3:** O aluno Francisco Dio-o Kanamary assina sua ata de formatura.



**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores, 2023.



Abrem-se as falas dos membros da mesa de outorga. Embora seja um pequeno detalhe, cabe mencionar que houve um vídeo enviado pelo reitor, em que este tenta agradecer nas quatro línguas indígenas do curso. Chega à fala do paraninfo, toda iniciada em língua portuguesa. Ao final do primeiro parágrafo, a primeira surpresa, um parágrafo apenas em Matsés, era a tradução do parágrafo anterior, feita em articulação com os formandos, mas uma surpresa para mães, pais, filhos e amigos presentes. A mesma cena se repetiu com os parágrafos seguintes, traduzidos em Marubo, Kanamary e Matis, respectivamente. Era nítida a reação de orgulho dos indígenas ao ouvirem um não indígena prestigiando suas línguas em uma fala em momento cerimonial em um evento “não indígena”. As reações podiam ser vistas entre formandos, familiares, amigos, enfim, todas as comunidades indígenas presentes.

Outra fala importante foi a de Mislene Metchacuna Martins Mendes, representante da FUNAI local e indígena da etnia Tikuna. Em sua fala, ela enfatiza a presença das duas mulheres indígenas Kanamary no curso, mas ressalta a necessidade de uma maior presença feminina nos cursos e nos espaços de decisão. Mislene é um símbolo do que fala, uma jovem líder indígena gestora da Coordenação Regional da FUNAI no Vale do Javari em um dos momentos mais tensos vividos nos últimos anos.

A cerimônia oficial é encerrada, agora os professores indígenas são licenciados. Cabe ressaltar que já são professores mesmo antes da outorga de grau, pois exercem a profissão há tempos, alguns por décadas. No entanto, agora contam com um reconhecimento que lhes habilita atuar de forma mais ampla e até mesmo buscar outras formações.

Momento de alegria, abraçar familiares, confraternizar entre os formandos e com os professores. Chega o corte do bolo, momento alheio aos rituais indígenas, mas de forte interação entre docentes e discentes. Em uma cerimônia improvisada, pedem discursos não apenas para o primeiro pedaço, mas para cada um dos pedaços entregues aos 34 formados. O primeiro pedaço foi entregue a uma aluna que, no desenvolvimento do curso, passou a aprender a língua Kanamary e fez questão de colocar sua filha para também aprendê-la.

Por fim, como mencionado acima, houve a presença de familiares e amigos indígenas como convidados da cerimônia, ocupando mesas dentro do espaço reservado do ginásio. Embora pareça um pequeno detalhe, é motivo de orgulho para os formandos. A

cerimônia era pública e aberta, mas contava com uma lista de convidados que podiam assistir à cerimônia mais de perto e que depois puderam participar do jantar oferecido aos formandos.

## **INTERCULTURALIDADE, PERFORMANCES E MODOS DE VIVER**

A partir da descrição do evento, apresentamos alguns comentários que remetem a pressupostos das teorias interculturais, a partir dos quais pensamos os fatos narrados. Colocamos ainda depoimentos de alguns discentes que, em nosso modo de ver, reforçam os aspectos tratados.

Tomamos como ponto de partida a fala de Alciney Rodrigues Dorlis, formado pelo curso de Pedagogia Intercultural de Atalaia do Norte, é membro da etnia Marubo e atualmente trabalha como professor na comunidade Maronal. Sua fala, solicitada para esse trabalho com a pergunta sobre sua avaliação da cerimônia de colação de grau, acrescenta pontos importantes e retoma outros apresentados anteriormente.

Na minha avaliação, com relação a formatura, eh... Primeiramente, eh... a UEA deu tempo pra organizar, né? Porque a gente viu que isso é uma importância de acontecer uma cerimônia tão organizada e as datas, né? Respeitando também os professores que estão na área, que ele está (estive) na comunidade, então deu pra gente chegar.<sup>8</sup>

Primeiramente, ele ressalta o fato de a cerimônia ter respeitado os calendários dos professores, o que, na verdade, é uma característica do curso, pois os módulos ocorriam sempre no período das férias dos Professores Indígenas em Formação. Na sequência, ele sublinha a importância dos ensaios e, na sua visão, a organização tanto do momento prévio quando da cerimônia em si.

Eh... com relação o ensaio, o ensaio também foi bastante proveitoso, tem equipe de organização, tem equipe de fazer ensaio, então a gente viu que a UEA disponibilizou a equipe pra tá organizando a formatura, então deu tempo também pra organizar, é um tempo suficiente pra fazer ensaio, pra... eh... pra fazer uma cerimônia, né?

---

<sup>8</sup> Para as falas dos professores indígenas, optamos por manter a forma mais próxima de sua oralidade. Ressaltamos que as falas foram enviadas por áudio respondendo à pergunta: como você avalia a cerimônia de formatura?

A organização das entradas e do juramento por etnias também é um ponto que merece destaque na fala de Alciney. Para ele, a entrada por etnia e os juramentos, as menções dadas aos povos são sinônimo de respeito.

E o momento que eu vi também lá na formatura, na cerimônia... era organizada por povo e além de ser organizado pelo povo, é organizado em nome assim, Tipo eh... em ordem alfabético, né? Primeiro povo que ia entrando no espaço... e assim foi organizado. **Então, cada povo sendo respeitado**, né? Pelos organizadores, até mesmo pela reitoria, esse equipe todo... (grifo nosso).

Em outro trecho de sua fala, Alciney menciona “a capela”, na verdade, faz referência à troca do Cocar pelo Capelo, um elemento utilizado na cerimônia, como narrado acima, para dar ênfase aos aspectos das culturas indígenas do Vale do Javari.

E.. E assim foi finalizado, né? A organização lá, o atendimento todo, o que deveria ser feito foi feito, ainda também eh... **Negociamos também com relação a capela, né? Tudo isso também nós conseguimos eh... negociar com apoio também do coordenador local, com apoio demais pessoas que já tiveram esse conhecimento**, né? Com essa pessoa, tudo isso a gente viu que aconteceu bem-organizado, né? E assim a gente foi vendo... Eh... Assim, a gente viu que os professores também formandos, se colocaram eles lá, disponível né? de atender tudo aqui que deve ser acontecido, aproveitar e... foi bom, né? (grifo nosso).

Alciney considera importante o uso das línguas indígenas no ritual da formatura. Para ele, isso é algo importante. Apesar de ser uma ação bastante simples, a inserção das línguas indígenas na cerimônia de formatura está em consonância com a necessidade de criação de novos espaços de uso (D'ANGELIS, 2007) e de ampliação do status das línguas (CALVET, 2007).

E outra coisa que eu queria dizer também pra vocês aí com relação as apresentações dos... assim tipo... os juramentos foi feito pela língua, pela língua de cada povo, até mesmo a apresentação do paraninfo né? Se eu não tô me enganado aí que, o professor né, o Sanderson, fez de tudo em toda língua que estive presente naquele momento, tudo traduzido né? Então... Eh, tem uma coisa muito importante que eu vi. Então, o meu relato é isso.

De acordo com Paladino e Almeida (2012, p. 16), “o conceito de interculturalidade traz a ideia da inter-relação, diálogo e troca entre culturas diferentes e supõe a coexistência da diversidade como riqueza. [...] a abordagem intercultural representou um avanço importante em relação às políticas anteriores, que perseguiram objetivos assimilacionistas ou integracionistas”. Retomando o conceito explicitado pelas autoras, podemos dizer que na

interculturalidade há uma relação mais aberta ao diálogo e ao ensinar e aprender. A definição traz a ideia de que a diferença tem algo a ensinar e que as trocas entre as culturas produzem ganhos para ambos os lados. Maria José Kanamary expressa essas relações entre indígenas e não indígenas presentes na formatura, como algo que ela apreciou e, mesmo sem citar, acaba trazendo no seu discurso algumas marcas da interculturalidade seja pela fala de indígenas e não indígenas, seja no alcance que o evento teve nas mídias sociais.

Eu gostei da nossa formatura porque foi bem-organizado, teve oradores indígenas e não indígenas e tinha os professores acompanhando a nossa formatura e gostei porque a gente foi fotografado, a gente saiu na rede social.

Um aspecto que talvez tenha nos escapado, mas que foi bastante enfatizado nos relatos dos alunos foi o registro, talvez porque “tudo o que fizemos ficou na história”, como afirmou Alciney Rodrigues Dorlis (citação oral). José Ninha Kanamary relata que também gostou das fotografias e ressalta que ter a família presente foi a maior alegria, assim como ter a participação dos professores.

Do que eu mais gostei foi a formatura mesmo. De toda coisa que aconteceu, eu gostei muito. Da hora que a gente estava recebendo o diploma, as fotos que nós fizemos lá na estrada também. Eu gostei de todo o desenvolvimento da formatura, né? Mas, fora isso, o que eu mais gostei foi quando nós tivemos cada professor formando, uma mesa, né, onde minha mãe estava, o meu menino, a minha menina, neto. Então foi essa parte que eu mais gostei. Fiquei muito alegre, a minha mãe também ficou muito alegre. Ela me agradeceu muito e eu agradei também a ela, então foi nesta parte que eu gostei mais. Mas gostei muito também de todos os outros momentos.

O curso demarca um momento importante para os povos indígenas do Vale do Javari. É a primeira turma específica de indígenas a receber outorga de grau no território. O orgulho do José Ninha pela presença dos familiares reflete o sentimento de que é uma conquista coletiva. A ideia de comensalidade, de compartilhar e de estar com os seus é importante para todos os povos e não seria diferente no ritual de formatura. Ter seus familiares presentes escapou aos professores que prepararam esse relato, mas foi observado por todos os formados a quem perguntamos sobre suas impressões da formatura.

## **QUE A VIDA SEJA DOCE**

O relato de experiência aqui apresentado aponta para possibilidades de convivência intercultural e multilíngue para além da sala de aula em um curso específico para indígenas. Mais do que voltar-se para si, espera-se que esta experiência possa encontrar eco em outras experiências em cursos específicos e não específicos. De forma especial, espera-se que o texto gere reflexões sobre as possibilidades e limites da interculturalidade neste e em outros cursos.

Sobre a cerimônia descrita, cabe registrar que o *Ritual de Outorga de Grau* foi constituído de atos performativos (BUTLER, 2018) em duas dimensões: na emergência dos sujeitos (a identidade indígena que emergiu nesse momento específico) e no modo de apresentar algumas demandas (como a emergência de demandas por educação, especificamente, por pós-graduação) para a região do Vale do Javari. Sobre essas demandas, gostaríamos de encerrar o texto com as palavras finais do paraninfo na cerimônia de formatura, na esperança de dias melhores para o Vale do Javari:

Essa turma que hoje se forma se soma a todos os que vieram antes na luta por melhores condições para os povos indígenas. Vocês tiveram acesso a direitos e bens que seus pais não tiveram. E agora, cabe a vocês lutar para que as próximas gerações possam ter melhores condições do que as que vocês tiveram. Cabe a vocês se somarem aos outros para que a história da educação escolar indígena possa ser outra de agora em diante. Espero que a vida possa ser mais doce para os que vierem e que os futuros memoriais possam ser mais suaves e alegres.

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Trad.: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BETTIOL, Celia Aparecida. **A formação de professores indígenas na Universidade do Estado do Amazonas: avanços e desafios**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Brasília: Diário Oficial da União, DF, Seção I, p. 7, jun. 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALVET, Louis-Jean. **As Políticas Lingüísticas**. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola. 2007.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Como nasce e por onde se desenvolve uma tradição escrita em sociedades de tradição oral?** Campinas, SP: Ed. Curt Nimuendajú. 2007.

PALADINO, M.; ALMEIDA, N. P. **Entre a diversidade e a desigualdade:** uma análise das políticas públicas para educação escolar indígena no Brasil dos governos Lula. Rio de Janeiro: LACED/Museu Nacional/UFRJ, 2012.

SOUZA, Adria Simone Duarte de. **Sendo com e para o Outro:** Tradução e diferença entre professores (AS) indígenas do Vale do Javari/AM. 2022. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação), Centro de Educação e Humanidades/Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SOUZA, A. S. D. de; BETTIOL, C. A.; OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares de. **Pedagogia Intercultural Indígena: reflexões sobre a proposta de um currículo diferenciado.** *In:* Luciane Lopes de Souza, Diego Omar da Silveira, Vanúbia Araújo Laulate Moncayo, Adan Sady de Medeiros Silva. (orgs.). **PARFOR UEA: 10 anos formando professores no estado do Amazonas**. Manaus: CRV, 2020, p. 361-376.